



**Uso, crença e atitudes na variação na primeira
pessoa do plural no Português Brasileiro**
*Usage, belief and attitudes in variation of first person
plural in Brazilian Portuguese*

Raquel Meister Ko. FREITAG (Universidade Federal de Sergipe)

ABSTRACT

Several sociolinguistic studies have shown the non-relevance of schooling effect on the variation between “nós” and “a gente” in the expression of 1st person plural in Brazilian Portuguese, and this fact suggests that there are not stigma towards the usage of both forms. However, not always does the linguistic behavior correspond to the beliefs and language attitudes; and, from the viewpoint of social evaluation, which shows both social and stylistic stratification degrees. In order to investigate these degrees, only results of sociodemographic distribution of the variables are not enough; the triangulation of the maximum of evidences, from different perceptual sources, can help to understand the phenomenon. Strategies to measure this correlation are presented and discussed, in order to contribute to the disclosure of the sociolinguistics of perception about the phenomenon, as the embedding in the linguistic structure and the effect of institutional sources in constraining the change.

Key-word: *Perception; linguistic attitudes; 1st person plural; Brazilian Portuguese.*

RESUMO

Estudos sociolinguísticos têm evidenciado a não relevância da escolarização na expressão da 1ª pessoa do plural no Português Brasileiro, o que sugere aparentemente não haver estigma associado ao uso dessas formas. No entanto, nem sempre o comportamento linguístico corresponde às crenças e atitudes acerca do fenômeno, e do ponto de vista da avaliação social, pode haver gradiências de estratificação social e estilística. Com o objetivo de investigar estes gradientes, somente resultados de distribuição sociodemográfica das variáveis não são o bastante; é preciso triangular o máximo de evidências de diferentes fontes perceptuais. São apresentadas e discutidas estratégias para mensurar a avaliação social do fenômeno, considerando o encaixamento na estrutura linguística e os efeitos das fontes institucionais no condicionamento da mudança.

Palavras-chaves: *Percepção; atitudes linguísticas; 1ª pessoa do plural; Português Brasileiro.*

Introdução

O prestígio ou estigma de um traço linguístico depende da maior ou menor consciência do falante sobre a avaliação social da regra, o que se reflete nos resultados relativos à variável sociodemográfica escolarização. Estudos sociolinguísticos de natureza descritiva têm evidenciado a não relevância do efeito da escolarização na variação entre *nós* e *a gente* na expressão da primeira pessoa do plural no português do Brasil, sugerindo que não há estigma no uso das formas. No entanto, o comportamento linguístico não corresponde às crenças e atitudes linguísticas dos informantes, o que sugere que, do ponto de vista da avaliação social, a variação na primeira pessoa do plural é um fenômeno do tipo marcador, razoavelmente sensível à avaliação social, o que impõe matizes de estratificação social e estilística. Para desvelar esses matizes, considerar apenas os resultados da distribuição sociodemográfica das variáveis não é suficiente; é preciso triangular o máximo de evidências, advindas de diferentes fontes perceptuais.

O objetivo deste texto é discutir evidências para a mensuração da avaliação social, por meio da correlação entre a crença, a atitude e o comportamento na variação entre *nós* e *a gente* na expressão da primeira pessoa do plural no português do Brasil. A partir de resultados de estudos em que o comportamento não coaduna com as crenças e

atitudes dos informantes, são apresentadas e discutidas estratégias de mensuração de crenças e atitudes linguísticas para contribuir para o desvelamento das percepções sociolinguísticas relativas ao fenômeno. Por se tratar de um fenômeno no nível morfossintático, o encaixamento na estrutura linguística precisa ser considerado, além da forte atuação das fontes institucionais no refreamento da dinâmica de mudança.

1. Variação entre *nós* e *a gente*

No Brasil, talvez poucos fenômenos variáveis tenham sido tão explorados quanto a variação na expressão da primeira pessoa do plural, que pode ser realizada pela forma *nós*, derivada do paradigma pronominal latino (forma canônica) e pela forma *a gente* (forma inovadora), de base nominal, decorrente de processo de gramaticalização.¹ Em linhas gerais, estes estudos, de orientação variacionista, trazem indícios da regularização da forma *a gente* no paradigma pronominal, apontam para uma mudança em curso e, a partir do critério de frequência e pelo viés da escolarização, infere-se que a forma não é estigmatizada.

Em Sergipe, os resultados não foram diferentes. Os resultados de investigação do paradigma da primeira pessoa do plural na posição de sujeito em quatro amostras do banco de dados Falares Sergipanos, constituídas por diferentes metodologias de coleta, visando o controle de gradientes de (in)formalidade, apontam para o predomínio da forma *a gente*.²

1. Ver Omena (1996), Lopes (1999), Zilles (2005), Vianna (2006), Brustolin (2009), dentre outros. Para uma sumarização dos resultados, por região, ver Vianna & Lopes (2015).

2. As diretrizes da constituição do banco de dados linguísticos são apresentadas em Freitag, Martins & Tavares (2012), Freitag (2013) e Araujo, Santos & Freitag (2014). Os resultados são decorrentes do desenvolvimento de projetos e planos de trabalho vinculados ao projeto “Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira”, financiado pelo edital CNPq 32/2012 (Freitag & Severo, 2015, Freitag et alii, 2016) e “Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil”, financiado pelo edital CNPq 14/2013, projeto de pesquisa interinstitucional, envolvendo a Universidade Federal de Sergipe, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal da Fronteira Sul e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao qual este trabalho está vinculado, cujo objetivo é a mensuração de atitudes e percepções de falantes, a fim de identificar marcadores, indicadores e estereótipos linguísticos que balizam os limites entre variedades, em contraste a estudo variacionista de fenômenos marcados nas comunidades (Freitag, Rost-Snichelotto, 2015; Freitag et alii, 2015, 2016).

i) Em amostra de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, em Itabaiana/SE, foram documentadas as interações de oito informantes, divididos em dois grupos em função de seus laços de relacionamento, e foram entrevistados 20 informantes. Todos os informantes têm nível superior de escolarização (em curso ou concluído), com faixa etária entre 18 e 29 anos. O percentual geral de uso de *a gente* foi de 83%, com 82,2% (N = 884) nas entrevistas sociolinguísticas e 83,5% (N = 1031) nas interações.

A distribuição das formas por informante, figura 1, é variada; há um único informante com uso categórico de *a gente* (4-F-E), havendo, por outro lado, informantes que usam em maior parte das vezes a forma *nós* (2-M-E, 9-M-E, 9-F-E, 2-M-I, 4-M-I).

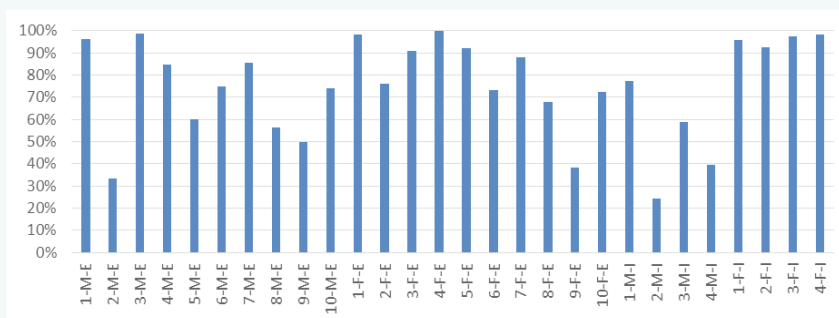


Figura 1 – Distribuição das ocorrências de 1ª pessoa do plural na amostra constituída por informantes universitários de Itabaiana/SE em função da variante *a gente*.

ii) Em amostra constituída por participantes de uma comunidade de práticas religiosas de orientação católica do povoado Açuzinho, em Lagarto/SE (Freitag, Santana, Andrade, 2014), foram documentadas três reuniões e gravadas entrevistas sociolinguísticas com seis participantes ativos do grupo. Os informantes apresentam uma distribuição assimétrica de faixas etárias (de 20 a 70 anos de idade) e de escolarização (sem escolarização formal, ensino fundamental menor incompleto, ensino fundamental maior incompleto, ensino médio completo e ensino superior). O percentual geral de uso de *a gente* foi de 73%, com 75% (N = 154) em documentação de reunião e 66% (N = 746) em entrevistas sociolinguísticas.

Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português...

A distribuição das formas por informante, figura 2, é variada, com polarizações sensíveis, e nenhum informante apresenta comportamento exclusivo para uma das formas.

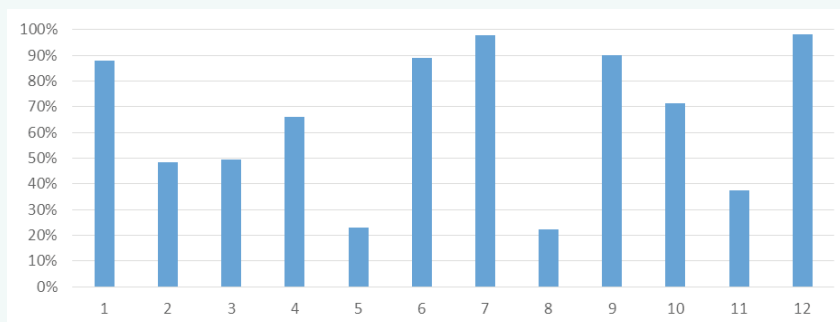


Figura 2 – Distribuição das ocorrências de 1ª pessoa do plural na amostra constituída por informantes da comunidade de práticas Mãe da Divina Graça, povoado Açuzinho, Lagarto/SE, em função da variante *a gente*.

iii) Em amostra constituída por participantes de uma comunidade de práticas acadêmicas, o PIBID de Matemática, foram documentadas duas reuniões e gravadas entrevistas sociolinguísticas com nove dos participantes ativos. Todos os informantes são graduandos da Universidade Federal de Sergipe, residentes na região metropolitana de Aracaju/SE (Grande Aracaju), com faixa etária entre 19 a 25 anos. O percentual geral de uso de *a gente* foi de 96%, com 93% em documentação da reunião (N = 123) e 97% (N = 405) em entrevistas sociolinguísticas.

A distribuição das formas por informante, figura 3, é quase categórica, tendo o menor percentual de uso *a gente* o informante Nyo-M, com 85% de suas ocorrências.

Raquel Meister Ko. Freitag

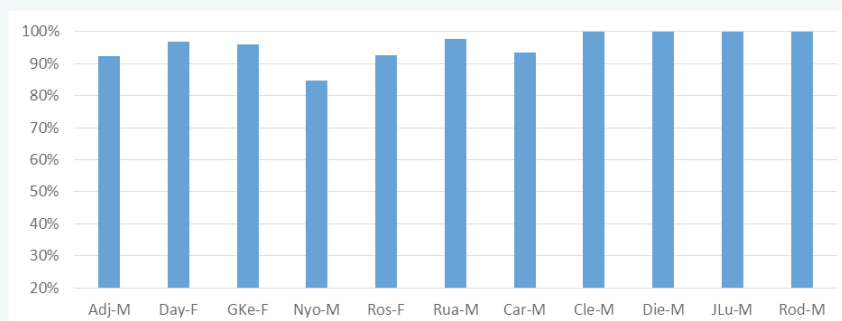


Figura 3 – Distribuição das ocorrências de 1ª pessoa do plural na amostra constituída por informantes universitários de Aracaju/SE em função da variante *a gente*.

iv) Em amostra constituída por estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, em Aracaju/SE, a mais tradicional instituição escolar da rede pública estadual de Sergipe, foram documentadas interações entre dois grupos de estudantes e gravadas entrevistas sociolinguísticas com 20 estudantes. Todos são residentes na Grande Aracaju, e tem entre idade entre 17 e 19 anos. O percentual geral de uso de *a gente* foi de 83%, com 92% (N = 269) em entrevistas sociolinguísticas e 79% em interações (N = 659).

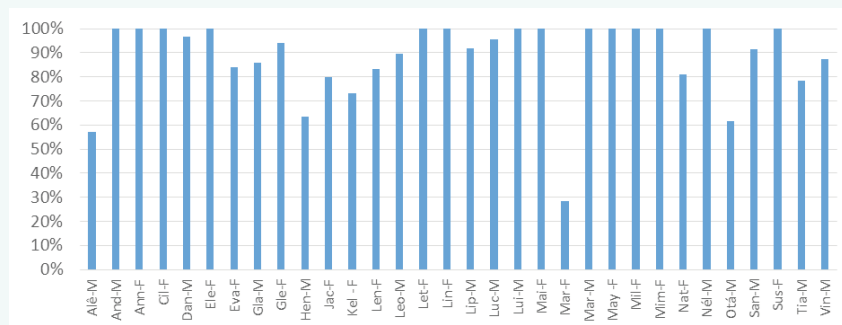


Figura 4 – Distribuição das ocorrências de 1ª pessoa do plural na amostra constituída por estudantes do ensino médio de Aracaju/SE em função da variante *a gente*. Adaptado (Freitag et alii 2016:151)

A distribuição das formas por informante, figura 4, evidencia que, dez dos 29 que compõem o corpus utilizam a forma *a gente* de maneira

categórica (100% de ocorrências); chama a atenção a informante Mai-F, com menos de 30% de ocorrência da forma.

A comparação da distribuição das ocorrências por indivíduo aponta para assimetrias de comportamento entre as amostras. O efeito da escolarização, na amostra ii), pode explicar a divergência de distribuição entre informantes. Mas, entre universitários, em uma amostra há a tendência quase categórica do uso de *a gente*, amostra iii), e na outra há uma distribuição mais variada, ainda que com o predomínio da forma, amostra i). A fim de auxiliar no desvelamento da assimetria, nas amostras iii) e iv) foi aferida também a atitude dos informantes em relação ao seu uso da língua, ao final da realização da entrevista sociolinguística, com questões dentre as quais “Quando você está conversando, você fala mais o *nós* ou fala mais o *a gente*? Qual dessas formas você acha melhor?”; (1)-(4) referem-se às avaliações da amostra iii) e (5)-(8), da amostra iv).

O informante Rod-M, em (1), afirma usar o *nós*, julgando o uso de *a gente* como “muito feio”, “errado”. Curiosamente, seu uso foi de 100% de *a gente*.

(1)

DOC: quando você está falando sobre você e junto mais alguém você fala mais o nós ou você fala mais o a gente?

ROD-M: eu falo nós

DOC: quando você tá aqui aí você fala nós...

ROD-M: nem sei ((risos)) nunca prestei atenção

DOC: mas você acha assim você acha que é melhor usar mais o nós ou mais o a gente? por exemplo “nós vamos ali não a gente vai ali”

ROD-M: não a gente vai é muito feio ((RISOS))

DOC: e é? você acha é o nós melhor o nós?

ROD: num sei acho que é mais por pelo meio que eu vivi né? ((RISOS)) o povo mangava muito desse jeito dizendo que era errado que era errado que era errado

A informante ROS-F, em (2), acredita misturar as formas, com contextos de uso correlacionados à intimidade, com 93% de ocorrências de *a gente* em sua fala, em contextos de reunião e de entrevista sociolinguística.

(2)

ROS-F: a tá ... aí eu acho que eu misturo muito depende da ocasião depende da

DOC: e qual as circunstâncias que você fala mais nós e mais o a gente?

ROS-F: eu acho que quando eu tô assim meio no meio dos amigos eu uso mais a gente e quando eu tô assim com pessoas mais não que seja melhores mas que eu não tenha um grau de intimidade muito grande eu uso nós

DOC: então é isso que marca a diferença entre um e outro usa... pra você?

ROS-F: eu acho que é

Com 93% de ocorrências de *a gente*, o informante CAR-M, em (3), acredita usar ambas as formas “meio a meio”.

(3)

DOC: Você acha melhor usar o nós ou o a gente porquê?

CAR-M: Eu acho melhor a gente falar corretamente se der a depender da situação eu acho que o nós ou o a gente pra mim tá correto dependendo tipo o a gente separado né não junto

DOC: Quando você está falando sobre você mas alguém você fala mais o nós ou o a gente?

CAR-M: Eu acho que o a gente meio a meio na verdade

DOC: ham?

CAR-M: meio a meio na verdade

Já a informante GKE-F, com 96% de ocorrências de *a gente*, em (4), atribui o predomínio do uso de *a gente* ao fato de ser “mais fácil falar”.

(4)

DOC: quando... quando você está falando sobre você junto a mais alguém você fala mais nós ou fala mais a gente?

GKE-F: quando cê tá falando?

DOC: assim de você... você tá inserida dentro de um determinado assunto aí você fala mais nós ou você fala mais a gente?

GKE-F: a gente... eu acho que é o costume entendeu? a gente

DOC: mas você acha que é melhor usar mais o nós ou o a gente?

GKE-F: eu acho mais fácil falar o a gente

DOC: por quê?

GKE-F: porque o nós você tem que colocar o resto () nas palavras ((RISOS)) ele não vai poder nós vai é nós vamos pra tal lugar nós iremos e a gente é a gente a gente vai ou a gente foi ((RISOS)) é bem mais fácil

Dentre os informantes que estão cursando o ensino médio, ALE-M, em (5), reconhece utilizar mais a forma *a gente* (embora seja 57% das suas ocorrências, um percentual bem abaixo do que o de outros informantes da amostra), no entanto, para o informante, esta forma é um “vício de linguagem”.

(5)

DOC: quando você num presta não atenção quando tá com alguém falando você presta atenção na fala dela?

ALÊ-M não num presto atenção não

DOC: quando você tá com tá você e mais alguma pessoa você costuma mais falar o nós ou o a gente?

ALÊ-M: a gente

DOC: por que?

ALÊ-M acho que é um vício de linguagem é o costume de sempre falar a gente a gente

DOC: mas tem algum momento que você fala nós? Você acha que ele deve ser usado em algum momento?

ALÊ-M: acho que na parte mais formal quando fala formalmente é melhor usar o nós do que o a gente o a gente é uma linguagem muito num presto atenção não o a gente é uma linguagem muito informal então o nós em uma reunião se sai bem melhor do que o a gente

Por outro lado, AND-M, em (6), com 100% de uso de *a gente* na amostra analisada, acredita falar mais o *nós*, porque o *a gente* é “muito estranho”.

(6)

DOC: quando você está falando de você junta mais alguém você costuma usar mais o nós ou o a gente?

AND-M: nós a gente fica muito estranho fica a gente

DOC: mas é você acha que é melhor usar mais o nós do que o a gente?

AND-M: por isso que eu falo mais nós

A informante MAY-F, em (7), também com 100% de uso de *a gente*, em sua primeira resposta, afirma usar mais o *nós*; em seguida, reformula a resposta, restringindo o uso de *a gente* para amigos, e, por fim, diz não se importar.

(7)

DOC: quando você está falando de você junto com mais alguém você costuma usar o nós ou o a gente?

MAY-F: nós

DOC: você acha então melhor usar o nós em relação oa gente ?

MAY-F: é sim pode ser mas também falo a gente só com amigo mas assim diferenciar o a gente () as vezes eu utilizo eu prefiro utilizar o nós mas não me importo não

DOC: o nós para pessoas que não são tão íntimas você costuma usar mais ?

MAY-F: não não faço essa discrepância não

E a informante SUS-F, em (8), com 100% de uso de *a gente*, diferencia o uso dos pronomes em função da formalidade (falar no celular com *nós*, conversa normal com *a gente*).

(8)

DOC: e você é assim quando você tá falando de você junto com mais pessoas você costuma mas falar o nós ou o a gente?

SUS-F: a gente

DOC: por que?

SUS-F: não sei é porque assim quando eu vou falar alguma coisa se eu falar nós assim pelo celular eu falo muito nós eu falo muito o nós

DOC: e você acha que tem um a um momento de falar o nós tem um momento de falar a gente ou qualquer um dá?

SUS-F: eu acho que o a gente é mais informal do que o nós mas agora eu tô conversando assim normal eu falo mais a gente eu acho que já é de costume usar o nós já gente é mais informal do que o nós mas eu acho um mais fo- não sei se é impressão minha não sei mas eu acho que é mais for- mais informal o a gente

Quatro informantes – ROD-M, MAY-F, ALE-M e AND-M – afirmam que costumam usar o pronome *nós*, no entanto, em todas as amostras analisadas, com diferentes gradações de formalidade (entrevista sociolinguística, interação ou reunião), todas as suas realizações da primeira pessoa do plural foram com *a gente*.

A análise dos julgamentos linguísticos mostra que a crença que os informantes destas comunidades têm em relação à forma pronominal *a gente* é a de que só pode ser usado em contextos menos formais, ou

de muita intimidade, ou é força do hábito, um “vício de linguagem”, uma forma “errada”, “feia” ou “estranha”. Tais crenças sugerem que este domínio apresenta alta saliência social, estando, de certa forma, no nível da consciência do falante.³ Se o critério da frequência parece corroborar a premissa de que a variação na primeira pessoa do plural se encaminha para a mudança, com a implementação da forma *a gente*, a avaliação social da variação vai na direção contrária. Embora em todas as quatro amostras os condicionadores linguísticos (tempo verbal, marca morfêmica, referência e preenchimento do sujeito) tenham seguido a tendência apontada por estudos, em outras comunidades de fala, em direção à polarização de uso da forma *a gente*, os resultados de avaliação das variantes pelos falantes apontam para o barramento da forma. Este cenário motiva a investigação da correlação entre crenças, atitudes e o uso de *nós* e *a gente*. Trata-se de uma configuração complexa, pois o domínio da variação vai além dos pronomes, como explicitam os julgamentos dos informantes em (1) e (4), envolvendo também a covariação com padrões de concordância.

3. No mapeamento de mais de 70 entrevistas do projeto VASRUL do Rio Grande do Sul, realizadas na década de 1990, Zilles (2007) identificou apenas um caso de uma entrevistada (RSPOA46), que corrigiu as entrevistadoras quanto ao uso de *a gente*:

E Tá, agora – agora **a gente** vai perguntar pra [1senhora] –

F [1Nós,1], **agente não, agente é aquele que está agindo** (“agora”) (risos E), **nós!**

E **Nós.**

F (inint) hoje, porque vocês hoje maltratam a língua (inint), ai meu Deus do céu, isso que o pobre do Camões, o pobre do não sei mais o quê, do Rui Barbosa, (inint), que se esmerava para polir, pra enriquecer. Vocês hoje tratam de dilapidar, (inint) nem se usa mais o pronome. Pessoal (inint), **nós é agente. Agente é aquele que está agindo. É ou não é?**

E **Nós então?**

F **Nós!** (risos geral) (inint)

E **Nós queremos saber** (hes), por exemplo, a origem da sua família. A senhora nasceu aqui em Porto Alegre? (Zilles, 2007: 38, grifos do original)

Nesta entrevista, houve 23 (79%) ocorrências de *nós* e 6 de *a gente*, uma distribuição contrária ao que fora encontrado em Porto Alegre, e que de maneira geral, ocorre no Brasil todo. O comentário da entrevistada, na visão da autora, revela que os falantes têm consciência da mudança.

2. Avaliação e percepção sociolinguística

A percepção sociolinguística de um fenômeno depende do julgamento do ouvinte, que correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos. O nível de consciência social é um aspecto relevante da mudança linguística (Weinrich, Labov & Herzog 1968). A avaliação é determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes e a valoração estratifica as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa (Labov 1972).

Apesar da relevância, no Brasil não há tradição de estudos de avaliação que considerem a percepção sociolinguística do falante; a avaliação social das variáveis costuma ser inferida a partir de padrões de uso decorrentes da estratificação sociodemográfica da amostra. Eventualmente, testes de reação subjetiva são realizados.

Advinda da Psicologia Social, atitude é um construto mental, psicológico, difícil de definir e de mensurar. Em alguma medida, as atitudes podem prever (ou não) o comportamento, e o comportamento pode (ou não) afetar as atitudes. No fenômeno linguístico em questão, por que os informantes que afirmam preferir usar a forma *nós*, em sua entrevista, usaram apenas *a gente*? Apenas a identificação da avaliação social das formas, nos termos de Labov (1972), não é suficiente.⁴ Na Sociolinguística, abordagens para mensurar atitudes podem envolver o tratamento societal, de caráter etnográfico, colhendo dados a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e, também, redes sociais. Outra abordagem é a direta: perguntar às pessoas o que elas pensam sobre determinado fato da língua. Este tipo de abordagem, presente nos questionários de atitudes linguísticas ao final das entrevistas sociolinguísticas e nos testes de reação subjetiva, por exemplo, apresenta riscos, com respostas de aquiescência (pessoas podem dar a resposta que elas sentem

4. Em seu estudo na cidade de Nova Iorque, Labov (1972) com informantes de classe média-baixa, aqueles falantes que mais apresentaram uso de um traço estigmatizado são os que são mais sensíveis a este traço nos testes de reação subjetiva. Note-se que os traços analisados neste estudo eram de natureza fonológica.

que o pesquisador quer) ou respostas socialmente desejáveis (pessoas verbalizam as atitudes que elas pensam que deveriam ter, ainda que sejam de fato barradas). A abordagem indireta segue a técnica do *matched guise*, proposta por Lambert (1967). Ao submeter o informante à apreciação de características linguísticas e associá-las a psicossociais atribuídos aos seus falantes, e, por tabela, à variante em questão, é possível desvelar as suas atitudes e reações. A abordagem conhecida por dialetologia perceptual (Preston 1999, Long & Preston 2002) alia a pesquisa atitudinal de tradição sociolinguística à percepção dialetal geograficamente situada da dialetologia. Para a mensuração de atitudes linguísticas, a abordagem combinada permite obter resultados mais abrangentes (Garrett, Coupland & Williams 2003).

Como evidenciado na seção anterior, o posicionamento dos informantes sugere que o domínio da primeira pessoa do plural é um contexto variável de alta saliência social. Um fenômeno linguístico saliente precisa ter uma explanação interna à língua, como a motivação do contexto fonológico, sintático, etc., e uma explanação relacionada a fatores extralinguísticos cognitivos, pragmáticos, psicológicos ou sociodemográficos; estas condições estão inter-relacionadas, às vezes de uma maneira natural, às vezes de uma maneira idiossincrática. No entanto, o segundo fator é central para motivar o comportamento do falante em certa direção, e, por isso, central para a definição de saliência (Kerwill & Williams 2002). As abordagens de saliência podem ser correlacionadas à dimensão quantitativa vs. qualitativa (Flament 1994), ou, ainda, a saliência pode ser resultado da distribuição da variável (Yaeger-Dror 1993) e processos de acomodação conscientes ocorrem, com traços cognitivos mais salientes enquanto processos de acomodação inconsciente ocorrem com traços cognitivos menos salientes.

Considerando a possibilidade de avaliação direta e indireta, e objetiva e subjetiva, embora em um limiar de proximidade e sobreposição, para fins metodológicos, atitude e crença são tomados como conceitos distintos. A crença pressupõe uma manifestação verbalizada sem reações afetivas, enquanto as atitudes podem ser manifestar de modo não verbalizável, mas permeadas por reações afetivas em relação ao objeto em questão.

No uso de *nós* e *a gente* para a expressão da primeira pessoa do plural no português no Brasil, a avaliação social, inferida a partir dos padrões distribucionais sociodemográficos e decorrente da correlação entre crenças e atitudes, pode ser desvelada a partir de um conjunto de dados de fontes diversificadas, como testes de reação subjetiva, rastreamento da inserção da forma na escrita, piadas e memes em redes sociais, e fontes institucionais, como gramáticas e livros didáticos.

A combinação deste conjunto de evidências pode auxiliar no desvelamento da correlação entre comportamento e crenças divergentes. A combinação das evidências também é motivada pelo encaixamento linguístico da variação, como apresentado a seguir.

3. A avaliação social da variação entre *nós* e *a gente* no Brasil

A partir da configuração dos padrões distribucionais sociodemográficos, com mulheres, mais jovens e de maior escolarização polarizando as ocorrências da variante inovadora, parece ser consenso em todos os estudos que não há estigma na variação entre *nós* e *a gente* na expressão da primeira pessoa do plural no português no Brasil. A diferença de usos vem sendo atribuída à correlação rural/urbano ou grandes centro/fora dos grandes centros (Vianna & Lopes 2015).

No entanto, a avaliação social não pode ser atribuída exclusivamente à forma pronominal em questão; é preciso considerar que os elementos estão encaixados na estrutura linguística. Por exemplo, a forma *nós* pode ser realizada como [nɔ̃s] ou [nɔs], com ditongação, e a forma *a gente* pode ser realizada como [aʒẽtʃi] ou [aʒẽti], ou [ahẽtʃi] ou [ahẽti], co-ocorrendo, neste último caso, a variação na realização aspirada ou fricativa da consoante do segmento tônico, ou ainda a realização oclusiva ou africada do segmento final, ou, ainda, ocorrer a redução fonética em função do processo de gramaticalização [aʒẽtʃi] > [ẽtʃi] > [ẽtʃ] ou [aʒẽti] > [ẽti] > [ẽt] (Zilles 2005, Maia 2011). A

avaliação social é resultado da forma pronominal ou há inter-relação com a realização fônica? ⁵

Talvez seja no nível morfossintático que a covariação seja mais evidente, com a relação de concordância estabelecida, e o efeito da tendência ao preenchimento do sujeito. Embora tenha assumido propriedades de pronome pessoal, em decorrência do processo de gramaticalização, a forma *a gente* ainda guarda traços morfossintáticos do nome *gente*, por isso, dois conjuntos de traços, gramatical (3SG) e semântico (1PL) (Marcotulio, Vianna & Lopes 2013), estão disponíveis na gramática e possibilitando quatro padrões de concordância na variação com *nós*.

- | | | |
|-----|-----------------------------|-----------------|
| (1) | nós (1PL) fala-mos (1PL) | -> nós -mos |
| (2) | nós (1PL) fala-0 (3SG) | -> nós -0 |
| (3) | a gente (1PL) fala-0 (3SG) | -> a gente -0 |
| (4) | a gente (1PL) fala-mos(1PL) | -> a gente -mos |

Diferentemente da variação entre *nós* e *a gente*, a variação na concordância é fortemente influenciada pela escolarização (Scherre & Naro 2014). A concordância é um domínio gramatical fortemente sensível à avaliação social no Brasil, e os resultados de estudos de covariação entre a alternância pronominal e a presença *vs.* ausência de marca morfêmica de concordância apontam para uma avaliação social estigmatizada para combinações como “nós fala” e “a gente falamos”, com base na configuração de padrões distribucionais sociodemográficos: ocorrências deste tipo costumam ser associadas a falantes menos escolarizados, como apontam Naro, Gorski & Fernandes (1999), que analisaram amostra de fala do Rio de Janeiro/RJ. Há estudos, como o de Rubio & Gonçalves (2012), que analisam amostra de fala da região de São José do Rio Preto/SP, cujos resultados corroboram esta associação, decorrente de assimetria na constituição da amostra, com recorrência de informantes de perfil menos escolarizados. Outras duas direções de explicação são as da polarização sociolinguística entre as normas

5. No nível morfofonêmico, há ainda a variação que ocorre com *nós*, como em *nós ganhamo(s)* *vs.* *nós ganhemo(s)*, com a última forma sendo avaliada com estigma.

popular e culta (Lucchesi, Baxter & Ribeiro 2009)⁶, e a do significado indexical atribuído na comunidade (Oushiro 2015; Mattos 2014): em São Paulo, capital, o padrão *nós -0* pode ter sido ressignificado como uma marca de identidade suburbana, enquanto no estado de Goiás, centro-oeste do Brasil, o padrão *nós -0* é percebido como índice de pertencimento à herança rural.⁷

Nas amostras analisadas na seção 1, relativas a Sergipe, o padrão de covariação entre pronome e concordância na primeira pessoa do plural é polarizado em *a gente -0*; no entanto, a amostra com maior diversidade de distribuição das frequências entre os padrões de covariação é a constituída em uma comunidade rural, com escolarização diversificada. A comparação entre as amostras com o mesmo perfil de escolarização aponta para uma diferença no uso do padrão *nós -0*, levemente mais elevado na comunidade do interior do estado. Parece haver uma confluência entre efeitos da proximidade/distanciamento da capital e a da escolarização (tabelas 1-4).

6. A tese da polarização sociolinguística do português no Brasil é defendida por Lucchesi (2006, *interalia*) e parte do princípio de que usos “do povo explorado e marginalizado” são estereótipo: “os sistemas de avaliação social das variantes linguísticas também são divergentes nas duas normas. Entre os falantes urbanos escolarizados, a ausência de concordância é claramente estigmatizada. Já nas comunidades rurais, o uso da concordância verbal seria apenas um indicador, sendo maior entre os indivíduos com alguma escolarização e que têm mais contato com os padrões linguísticos adventícios, sem que se perceba uma clara variação estilística. Em alguns segmentos populares, sobretudo nos centros urbanos, pode ocorrer a variação estilística, o que faria da concordância verbal um marcador, mas dificilmente ocorre a avaliação negativa aberta da falta de concordância entre os segmentos populares da sociedade brasileira.” (Lucchesi, 2006: 84) A polarização de normas, no entanto, pode não ser a melhor explanação para a concordância na primeira pessoa do plural: evidências da escrita, na seção 3.1, sugerem uma diferença dialetal, com diferenças de avaliação social para as formas em regiões distintas (sul/sudeste em oposição ao nordeste).

7. Poucos estudos atribuem a concordância não padrão (*nós -0* e *a gente -mos*) a uma origem geográfica específica, é o caso de Omena (1996: 311): “As formas muito estigmatizadas *a gente comemos* ou *nós comeu* foram pouco frequentes entre os falantes estudados, com exceção de um adolescente de 14 anos (falante de nº 64 do Corpus Censo), filho de nordestinos, que usou sistematicamente a forma do tipo *nós comeu* e teve seus dados retirados da amostra por ser considerado discrepante”.

Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português...

Tabela 1 – Distribuição dos padrões de concordância com *nós* e *a gente* na amostra de universitários de Itabaiana/SE.

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós -mos	266	14%
nós -0	61	3%
a gente -0	1581	82%
a gente -mos	7	1%

Tabela 2 – Distribuição dos padrões de concordância com *nós* e *a gente* na amostra da comunidade de práticas Mãe da Divina Graça, povoado Açuzinho, Lagarto/SE.

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós -mos	155	17%
nós -0	86	10%
a gente -0	648	72%
a gente -mos	11	1%

Tabela 3 – Distribuição dos padrões de concordância com *nós* e *a gente* na amostra de universitários de Aracaju/SE.

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós -mos	20	4,0%
nós -0	2	0,5%
a gente -0	505	95,0%
a gente -mos	1	0,5%

Tabela 4 – Distribuição dos padrões de concordância com *nós* e *a gente* na amostra de estudantes de ensino médio de Aracaju/SE. Adaptado (Freitag et alii 2016: 151)

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós -mos	143	15%
nós -0	14	1,5%
a gente -0	770	83%
a gente -mos	1	0,5%

Em relação às crenças e atitudes, não é possível determinar *a priori* se são as formas pronominais propriamente ou os contextos linguísticos (pronomes + concordância + realização fonética) que

estão sob julgamento. Um teste que contemple apenas uma das dimensões do contexto linguístico pode não captar todas as nuances de atitude envolvidas no processo, daí a necessidade de coligir um conjunto de evidências que possam auxiliar no desvelamento das crenças subjacentes à variação entre *nós* e *a gente* em Sergipe: a inserção na escrita; testes de reação subjetiva; piadas e memes; e as fontes institucionais.

3.1. *Inserção na escrita*

O espriamento de um fenômeno variável para a escrita pode dar pistas sobre o nível de consciência social na comunidade. Passam para a escrita as variantes que não são estigmatizadas pela comunidade de fala num sentido mais amplo.

Zilles (2007) identifica diferentes contextos de inserção da forma *a gente* na escrita, destacando os gêneros ditos “mais favoráveis”, como literatura infantil e infanto-juvenil, em textos que dão voz a crianças. Zilles (2007) cita a crônica “Na escola” (1989), de Carlos Drummond de Andrade. Gêneros literários estão sujeitos a maior monitoramento (na medida que passam por revisão) e ao uso expressivo dos recursos linguísticos; nesta relação de contextos mais favoráveis, a letra da música João e Maria (1976), de Chico Buarque, representativa, segundo o próprio autor, da fala da criança, também evidencia a inserção de *a gente* (“Agora eu era o rei/Era o bedel e era também juiz/E pela minha lei/*A gente* era obrigado a ser feliz.” e “Vem, me dê a mão/*A gente* agora já não tinha medo/O tempo da maldade/Acho que *a gente* nem tinha nascido.”) <https://youtu.be/Rx5ogK-5Wjw>.

Já para a covariação entre pronome e concordância na primeira pessoa do plural, apontando o juízo de valor associado aos padrões de concordância da primeira pessoa, Zilles aponta a música “Inútil (‘Inútil/*A gente* somos inútil’), do grupo Ultraje a Rigor, em que há uso variável de concordância tanto com *a gente* quanto com *nós* (‘Tem gringo pensando que *nós* é indigente’)” (Zilles 2007: 30). A música foi lançada em 1985; dez anos depois, outra música que reforça o caráter de estereótipo é “ChopisCentis” (1995), do grupo Mamonas Assassinas (‘Eu di um beijo nela/e chamei pra passear/ *A gente* fomos no

shopping/prá mó de a gente lanchar”) <https://youtu.be/XPEFf9U82WQ>, que usa outros traços linguísticos estigmatizados, como “mode”, “di”, para caracterizar um perfil social emergente no Brasil pós-Plano Real (1994), que permitiu à camada social mais baixa ter acesso a bens de consumo (ida aos shopping centers, experiências de consumo em *fastfood*, crediário nas Casas Bahia). Este contexto evidencia a avaliação do padrão de concordância *a gente -mos* como estereótipo, do mesmo modo que os memes e piadas, na seção 3.3.

Os contextos de inserção da escrita são relacionados a gêneros da esfera literária e, de certo modo, coadunam com a perspectiva apresentada para as piadas (traços linguísticos que atuam na construção de personagens), na seção 3.3; Zilles (2007) também aponta a inserção de *a gente* em propagandas e na escrita escolar.

O espaço escolar está sujeito à normatização das fontes institucionais, como gramáticas e livros didáticos. Em amostras de fala e escrita de estudantes no ciclo intermediário (6º ao 9º ano), a variação entre *nós* e *a gente* apresenta padrões distribucionais diferenciados: enquanto na fala a distribuição das variantes segue o padrão dos demais estudos, é importante destacar a presença da forma *a gente* na escrita escolar (tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição de *nós* e *a gente* na fala e na escrita. Adaptado (Brustolin 2009: 167)

	a gente	Nós	Total
Escrita	174 (14%)	1110 (86%)	1274
Fala	250 (65%)	133 (35%)	383

Os dados do estudo de Brustolin (2009) foram coletados em escolas da rede pública de Florianópolis/SC, na região sul do Brasil. Os dados de Aguiar (2015) foram coletados à mesma época, em escolas da rede pública de Maceió/AL, na região nordeste (estado vizinho a Sergipe, cujos dados foram apresentados na seção 1), e as tabelas 6 e 7 apresentam a distribuição dos padrões de pronomes e concordância na escrita.

Tabela 6 – Distribuição dos padrões de concordância com *nós* e *a gente* na escrita. Adaptado (Brustolin 2009: 167)

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós –mos	1086	84%
nós -0	24	1%
a gente -0	145	11%
a gente -mos	29	2%

Tabela 7 – Distribuição dos padrões de concordância com *nós* e *a gente* na escrita. Adaptado (Aguiar 2015:136)

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós –mos	187	77%
nós -0	21	8%
a gente -0	11	4%
a gente -mos	23	9%

Considerando que ambos os estudos recortam como sujeitos estudantes do segundo ciclo do ensino fundamental situação de escrita escolar, resguardadas as dimensões das amostras, os dados relativos a Maceió/AL apresentam maior recorrência dos padrões *nós -0* e *a gente -mos* do que os dados relativos a Florianópolis/SC. Estes resultados sugerem que o nível de consciência e avaliação social dos padrões de concordância podem ser polarizados em termos de variedade dialetal, por limitação de estudos, sul/nordeste (e não culto/popular, na medida que se referem a informantes em processo de escolarização e dentro da escola, um espaço, em última instância, representativo do que seja culto em uma comunidade). A inserção dos padrões de concordância *nós -0* e *a gente -mos* na escrita em Maceió/AL pode ter significado social distinto do que em Florianópolis. Um outro estudo, desta vez com dados de fala, em uma comunidade relativamente isolada de Florianópolis, a Costa da Lagoa, aponta que a forma *a gente* tem se inserido seguindo os mesmos parâmetros identificados nos demais estudos em outras regiões. No entanto, o padrão *nós -0* apresenta 21% de ocorrências, um percentual relativamente alto para a região (Spessato 2010).

Tais resultados levam à covariação entre pronome e concordância: seria uma oposição norma culta vs. norma popular, como advogam Lucchesi, Baxter & Silva (2009), ou uma oposição perto/longe dos grandes

centros? Os dados de inserção na escrita sugerem uma janela de abertura para a variação na etapa medial de escolarização, especialmente para os padrões de concordância estigmatizados, e, nesse caso, os instrumentos normativos (fontes institucionais) podem se insurgir no processo: o contato com o paradigma normativo face ao paradigma vigente na comunidade pode levar ao enviesamento de padrões e à hipercorreção.

3.2. Testes de reação subjetiva

Testes de reação subjetiva, que visam identificar o posicionamento do informante acerca da gramaticalidade (faz parte do repertório da comunidade ou não) e da aceitabilidade (explorando a dimensão estilística, quanto a formalidade e informalidade das situações de uso) das variantes de uma variável linguística, também podem auxiliar no desvelamento das crenças, na medida que permitem identificar o comportamento do informante quanto ao que ele pensa que esperam dele em termos de uso linguístico. Os estudos de Vianna (2006) e Brustolin (2009) sobre a variação entre *nós* e *a gente* valeram-se deste procedimento.⁸

O teste aplicado foi do tipo *self-report*, com contextos de alternativas e lacunas para preenchimento com as variantes da variável alvo, considerando aspectos relacionados à modalidade (fala e escrita) e à situação (formal e informal). A amostra de Vianna (2006) é constituída por informantes do Rio de Janeiro/RJ de escolarização não superior e teve como objetivo avaliar a variação entre *nós* e *a gente* em construções predicativas. O teste aplicado visava mensurar a reação subjetiva dos informantes em relação ao uso de *nós* e *a gente* na modalidade escrita, com o preenchimento de lacunas; a distribuição das variáveis foi de 34% para *a gente* e de 66% para *nós*.

O estudo de Brustolin (2009) considerou a covariação pronome e concordância na primeira pessoa do plural, com estudantes do ensino fundamental em situação de fala, quanto à situação, com a escolha dentre alternativas.

8. “A gente vamos ao cinema” foi uma das frases de avaliação que constaram no estudo de Cardoso (2015) sobre as atitudes linguísticas e reações subjetivas de sergipanos em relação a outras variedades do português. O resultado apontou uma gradação de aceitabilidade em função do nível de escolarização, com 33% entre os menos escolarizados até 0% entre os mais escolarizados (nível superior).

Tabela 8 – Reação subjetiva de aceitabilidade de uso em situação formal. Adaptado (Brustolin 2009: 254)

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós -nos	99	62%
nós -0	0	0%
a gente -0	33	21%
a gente -mos	27	17%

Tabela 9 – Reação subjetiva de aceitabilidade de uso em situação informal. Adaptado (Brustolin 2009: 255)

Padrão	Ocorrências	Percentual
nós -nos	61	31%
nós -0	9	5%
a gente -0	73	37%
a gente -mos	55	28%

Nestes resultados, chama a atenção a escolha das alternativas com a concordância não padrão, especialmente a *gente -mos*, que apresenta um percentual significativo de escolhas em situações formais (17%), muito próximo de *a gente -0*. Considerando que a amostra é constituída por estudantes, em espaço escolar, ainda que a modalidade sob avaliação seja a falada, a escolha de um padrão de ocorrência de pronome e marca morfêmica de concordância pode sugerir que não há estigma quanto à forma. Não é, no entanto, o que ocorre com piadas e memes em redes sociais.

3.3. Piadas e memes em redes sociais

Crenças e atitudes fazem parte do repertório linguístico do falante, e podemos captá-las, ainda que de modo indireto, via charges, piadas e memes, textos de ficção em que componente linguístico pode ser mais um traço a serviço da caracterização das personagens (Freitag et alii 2015). Do ponto de vista sociolinguístico, as piadas lidam com a ambiguidade, explorando casos de variação no sistema, mas também refletem a percepção inconsciente de traços linguísticos do sistema que são constitutivos de um significado identitário.

Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português...

A coleção de memes de internet, na figura 5, compartilhados por redes sociais e sem possibilidade de identificação de autoria e seu perfil sociodemográfico, dá pistas sobre o nível de consciência da avaliação social dos padrões de concordância com o pronome de primeira pessoa do plural: o padrão *a gente -mos* é visto como negativo; já o padrão *nós-0* (ou, melhor, [nɔ̃s] -0) é admitido como consciente, independentemente de escolarização, o que reforça a hipótese aventada por Oushiro (2015) de que este padrão foi ressignificado como uma marca identitária da cultura suburbana.⁹



Figura 5 – Padrões de concordância e memes de internet (Freitag 2015: 3).

Por se tratar de um domínio virtual, não se pode aferir o alcance sociodemográfico desta avaliação subjacente ao meme; no entanto, é mais uma pista para a coleção de percepções dos falantes acerca de *nós* e *a gente* e a relação com a concordância.

9. Particularmente, o quarto meme é constituído por texto e a imagem de um personagem de um programa de humor (Pânico na TV), Zina, corintiano, fortemente associado à cultura suburbana referida por Oushiro (2015).

3.4. Fontes institucionais

A construção da crença linguística de uma comunidade letrada, pelo menos na sociedade ocidental, é regida por instrumentos normativos: gramáticas, compêndios e livros didáticos. Se nas gramáticas norteadas em abordagens descritivas a forma *a gente* já é incluída no paradigma pronominal do português (Castilho & Elias 2011, Bagno 2012), nas norteadas pela tradição gramatical (Bechara 2009, Azeredo 2008) – que são as fontes que perpassam os livros didáticos –, *a gente* entra como uma observação de uso no português falado no Brasil, em situações coloquiais.

Os livros didáticos adotados nas escolas públicas brasileiras passam por uma avaliação do Programa Nacional do Livro Didático. Para ser selecionado, o livro didático de Língua Portuguesa precisa apresentar atividades que propiciem ao aluno “o domínio das normas urbanas de prestígio,¹⁰ especialmente em sua modalidade escrita monitorada, mas também nas situações orais públicas formais em que seu uso é socialmente requerido” (Brasil 2011:52). Embora os estudos sociolinguísticos venham evidenciando a tendência crescente ao uso de *a gente*, inclusive na modalidade escrita e em situação de maior formalidade, os livros didáticos de maneira geral ainda não o incluem no paradigma pronominal (Brandão & Vieira 2011), o que certamente tem influência nas crenças e atitudes dos informantes.

Se a inserção de *a gente* é tabu, a concordância *nós -0* em livro didático é caso de comoção nacional. Foi o que aconteceu em 2012, com o livro didático *Por uma vida melhor* (Ramos 2011), selecionado pela avaliação do PNLD para a educação de jovens e adultos, em uma seção intitulada “Escrever é diferente de falar”, exemplificou a

10. O conceito de “normas urbanas de prestígio”, utilizado em vez de “norma culta”, acompanhado da seguinte nota: “é um termo técnico recente, introduzido para designar os falares urbanos que, numa comunidade linguística como a dos falantes do português do Brasil, desfrutam de maior prestígio político, social e cultural e, por isso mesmo, estão mais associados à escrita, à tradição literária e a instituições como o Estado, a Escola, as Igrejas e a Imprensa” (Brasil 2011: 52).

concordância verbal naquilo que foi definido como fala popular com a frase “Nós pega o peixe”.¹¹

A não presença de *a gente* nos instrumentos normativos que chegam à escola poderia, por hipótese, atuar como um refreador da mudança, mas não é nessa direção que os dados apontam. E, em relação aos padrões de covariação de pronome e concordância *nós -0* e *a gente -mos*, ainda que as atitudes subjacentes a piadas e memes sugiram que sejam estigmatizados ou restritos a um perfil social, estes padrões emergem em situações de reação subjetiva em espaço escolar e, em menor escala, na fala de informantes mais escolarizados.

Conclusão

O panorama construído aponta direcionamentos para o aprofundamento dos estudos de percepção sociolinguística, de modo geral, no Brasil, e para a variação entre *nós* e *a gente*, de modo específico.

A análise da covariação entre alternância pronominal e a presença *vs.* ausência de marca morfêmica de concordância aponta para uma avaliação social estigmatizada de combinações como “*nós fala*” e “*a gente falamos*”, o que sugere que as crenças e atitudes atribuídas a *nós* e *a gente* são, na verdade, fortemente dependentes dos padrões de concordância estabelecidos (*a gente -0*, *a gente -mos*, *nós -0*, *nós -mos*), assim como os resultados relativos à inserção da forma inovadora na escrita.

A busca por evidências relacionadas a memes e piadas reforça a percepção de que o fenômeno é relativamente sensível à avaliação social, com sutis evidências para a polarização rural/urbano, sul-sudeste/nordeste e para a resignificação indexicalizada; necessário conjunto de evidências mais robusto e sistemático.

Por fim, as fontes institucionais atuam fortemente no direcionamento normativo das crenças e atitudes em relação ao fenômeno. A atitude

11. Este episódio ficou conhecido como “A polêmica do livro didático”, com interpretações amplamente difundidas pela mídia de que o governo estava incentivando a falar errado, com respostas e análise acadêmicas que podem ser conferidas em Lucchesi (2011), Scherre (2013), Baronas & Cox (2013), Cavalcanti (2013), entre outros.

mensurada sugere que, na primeira pessoa do plural, a forma *a gente* tem comportamento de marcador, na medida que os informantes, em fase final da educação básica e/ou na educação superior, fazem uso de uma variante, mas julgam melhor e até mesmo acreditam que usam a outra, *nós*, que é abonada pelos instrumentos normativos. A tensão entre a dinâmica da estrutura da língua e a dinâmica social, especialmente o papel normatizador da escola, é evidenciada, não só por distribuição de frequências, mas pelo testemunho dos próprios falantes.

Recebido em agosto de 2016

Aprovado em novembro de 2016

E-mail: rkofreitag@uol.com.br

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Elyne Giselle de Santana Lima. 2015. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. *Letras & Letras* 31.2: 128-143.
- ARAUJO, Andréia Silva; SANTOS, Kelly Carine; FREITAG, Raquel Meister Ko. 2014. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher.
- AZEREDO, José Carlos. 2008. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- BAGNO, Marcos. 2012. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- BARONAS, Roberto Leiser; COX, Maria Inês Pagliarini. 2013. Por uma vida melhor na mídia: discurso, aforização e polêmica. *Linguagem em (Dis)curso*. 13.1: 65-93.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. 2011. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Editora Contexto.
- BRASIL. Ministério da Educação. 2011. *Guia do Programa Nacional do Livro Didático*. Brasília.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. 2009. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. Diss. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CARDOSO, Denise Porto. 2015. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Editora Edgard Blücher.

- CASTILHO, Ataliba Teixeira; ELIAS, Vanda Maria Elias. 2011. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. 2013. As faces de uma polêmica: o episódio do livro didático Por uma vida melhor. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* 29.sp: 485-501.
- FLAMENT, Claude. 1994. Consensus, salience and necessity in social representations—technical note. *Paperson social representations* 3.2: 97-105.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. 2012. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística* 56.3: 917-944.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTANA, Cristiane Conceição; ANDRADE, Thais Regina Conceição; SOUSA, Valéria Santos. 2016. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko, SEVERO, Cristine Gorski, GORSKI, Edair Maria. *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Editora Edgard Blücher.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTANA, Cristiane Conceição; ANDRADE, Thais Regina Conceição. 2014. Práticas constitutivas do povoado Açuzinho. *Ambivalências*, 2.3:194-217.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea; TAVARES, Maria Alice. 2015. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señã - Revista del Instituto de Lingüística* 28: 65-87.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea; TAVARES, Maria Alice. 2016. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*. 18:2:1-26
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski. 2015. *Mulheres, Linguagem e Poder-Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. 2013. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Lingüística* 14.2: 156-164.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea. 2015. Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia? *Working Papers em Lingüística*, 16.1: 157-169.

- GARRETT, Peter; COUPLAND, Nikolas; WILLIAMS, Angie. 2003. *Investigating language attitudes: Social meanings of dialect, ethnicity and performance*. University of Wales Press.
- KERSWILL, Paul; WILLIAMS, Ann. 2002. "Salience" as an explanatory factor in language change: evidence from dialect levelling in urban England. *Contributions to the Sociology of Language* 86: 81-110.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAMBERT, Wallace. 1967. The social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues* 23: 91-109.
- LONG, Daniel; PRESTON, Dennis. 2002. *Handbook of perceptual dialectology*. Vol. 2. John Benjamins Publishing.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. 1999. Nós and a gente in standard spoken Brazilian Portuguese. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* 14.2: 405-422.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan Norman; RIBEIRO, Ilza. 2009. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba.
- LUCCHESI, Dante. 2006. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN* 5.1: 83-112.
- _____. 2011. Ciência ou dogma? O caso do livro do MEC e o ensino de língua portuguesa no Brasil. *Revista Letras* 83.1: 83-112.
- MAIA, Francisca Paula Soares. 2012. Formas reduzidas de «a gente»: continua a gramaticalização no dialeto mineiro? *Caligrama: Revista de Estudos Românicos* 16.2: 85-103.
- MARCOTULIO, Leonardo; VIANNA, Juliana; LOPES, Célia. 2013. Agreement patterns with a gente in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 12.2: 125-149.
- MATTOS, Shirley. 2014. *First person plural concord in central Brazil: Local identification*. Paper presented at 43 New Ways of Analyzing Variation.
- NARO, Anthony J.; GÖRSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. 1999. Change without change. *Language variation and change* 11.02: 197-211.
- OMENA, Nelize. 1996. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, Gisele Machline, SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- OUSHIRO, Livia. 2015. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese. Universidade de São Paulo.
- PRESTON, Dennis. 1999. *Handbook of perceptual dialectology*. John Benjamins Publishing.

- RAMOS, Heloísa. 2011. Por uma vida melhor: Coleção Viver e Aprender. São Paulo: Editora Global.
- RUBIO, Cássio Florêncio; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. 2012. A fala do interior paulista no cenário da sociolinguística brasileira: panorama da concordância verbal e da alternância pronominal.” *Alfa: Revista de Linguística* 56.3: 1003-1034.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. 2015. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change* 26.3: 331-357.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. 2013. Verdadeiro respeito pela fala da outro: realidade possível? *Revista Letra* 8.1: 51-62.
- SPESSATTO, Marizete Bortolanza. 2010. Formas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa. *Working Papers em Lingüística* 11: 82-93.
- VIANNA, Juliana de Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. 2015. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- VIANNA, Juliana de Segadas. 2006. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Diss. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. 1968. *Empirical foundations for a theory of language change*. University of Texas Press.
- YAEGER-DROR, Malcah. 1993. Linguistic analysis of dialect “correction” and its interaction with cognitive salience. *Language Variation and Change* 5.02: 189-224.
- ZILLES, Ana Maria S. 2005. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of agente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change* 17.01: 19-53.
- _____. 2008. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?. *Letras de Hoje* 42.2: 27-44.